AGRONEGÓCIO DO CACAU NO BRASIL

Produção, Transformação e Oportunidades

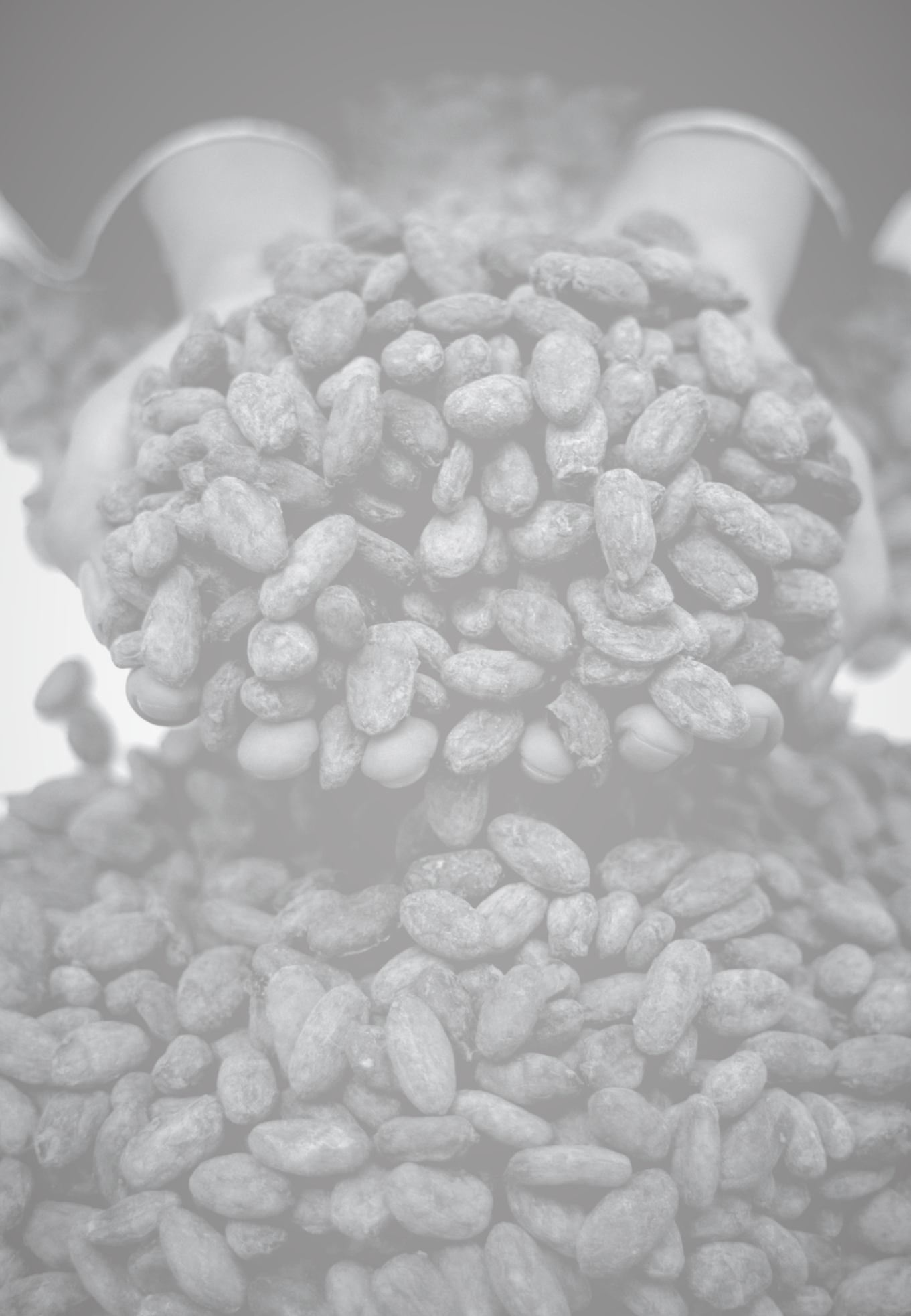
Realização

FIESP

Apoio

abicab
associação brasileira da indústria de chocolates, amendoim e balas

AIPC
Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau



SUMÁRIO EXECUTIVO

01. **Considerações metodológicas** **1**
02. **Atividade agrícola da amêndoa de cacau no Brasil** **4**
Contexto histórico **4**
Cenário atual **7**
Número de propriedades e emprego no ramo agrícola **7**
Valor bruto da produção agrícola **7**
Área plantada, produtividade e produção **8**
Aprimoramento das estatísticas oficiais de cacau **8**
Desafios e oportunidades para a atividade agrícola do cacau **10**
Estatísticas agrícolas oficiais **10**
Retomada do investimento no meio agrícola **11**
• O papel do Estado **12**
• As cooperativas **12**
• Integração indústria-produtor **12**
As oportunidades **13**
03. **Indústrias processadoras de cacau** **15**
Produção e comercialização de produtos do cacau processado **16**
Exportação e importação de produtos do cacau processado (1802 até 1805) **17**
Oportunidade de inserção no mercado global **18**
04. **Indústria de chocolate** **20**
Perfil da indústria de chocolates no Brasil **20**
Produção de chocolates **21**
Exportação e importação de chocolates (1806 e 1704.9010) **21**
Oportunidade no comércio internacional **22**
Consumo interno de chocolates **23**

01.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O Departamento do Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo realizou este trabalho minucioso de compilação, sistematização, organização e cruzamento de diferentes dados estatísticos dispersos, de fontes públicas e privadas, internas e estrangeiras, com o intuito de contribuir com essa proeminente cadeia produtiva do agronegócio, com relevante base industrial instalada no Brasil e com potencial de crescimento.

Foram consultadas bases de dados e pesquisas analíticas de fontes oficiais e públicas, com destaque para o Censo Agropecuário, Produção Agrícola Municipal (PAM), o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) e a Pesquisa Industrial Anual (PIA), todas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para o comércio internacional, sob a ótica brasileira, usamos os números da Comex Stat. O consumo interno brasileiro foi observado a partir da equação da produção somada a importação, subtraída a exportação. No caso da distribuição do consumo por categoria de produtos adotamos as informações da Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF, do IBGE, que foram sistematizadas e fornecidas pela área de Inteligência de Mercado do Departamento de Competitividade e Tecnologia (Decomtec-Fiesp), que nos permitiu analisar as informações mais recentes sobre o perfil do consumo de chocolates no varejo pelos brasileiros, em valor do dispêndio.

Também adotamos dados do setor privado, como os da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC) e da Associação Brasileira das Indústrias de Chocolate, Amendoim e Balas (ABICAB). Base de dados e pesquisas internacionais também foram utilizadas, com destaque para a base da International Cocoa Organization (ICCO), do Banco Mundial, FAOSTAT e Trade Map. Outras fontes de dados foram utilizadas para a execução deste estudo setorial, todas devidamente citadas.

Além disso, foram consultados especialistas dos setores privado e público que atuam nos diferentes segmentos da cadeia produtiva, com o objetivo de refinar o entendimento das estatísticas oficiais e da dinâmica desse importante segmento industrial. Nesta etapa houve contato e reuniões com representantes de indústrias e entidades de classe do setor produtivo, dentre outros. Também foram realizadas consultas a trabalhos publicados, tanto brasileiros como estrangeiros.

Este estudo tem por objetivo analisar a complexidade e relevância desse setor, que se estende da produção agrícola, ao processamento industrial dos produtos e aos serviços envolvidos na cadeia até chegar na mesa do consumidor. Esse fator é de extrema importância: cada elo da cadeia produtiva é vital para o sucesso do setor como um todo. Quanto mais integrados e engajados estiverem, maiores as chances de melhora na produtividade da cadeia e o seu crescimento. Por outro lado, a inobservância dessas variáveis em cada segmento pode causar prejuízos econômicos e sociais com impacto em todo o processo produtivo.

Pretende-se também trazer luz às informações que são imprescindíveis para pautar o planejamento e a implementação de estratégias públicas e privadas dirigidas ao setor, com a perspectiva de agregação de valor e de fortalecimento da cadeia produtiva. Portanto, de promoção do desenvolvimento econômico. Nesse contexto serão apresentados os principais resultados referentes à cadeia produtiva brasileira. A fim de identificar mudanças estruturais, priorizou-se a avaliação no horizonte temporal de dez anos ou mais.

A primeira parte do trabalho cobre as propriedades agrícolas produtoras de cacau, com indicação de área plantada, produtividade e o desempenho da produção, com a análise de diversas variáveis no tempo. Nesta etapa, identificou-se nas estatísticas oficiais importante diferença entre os volumes produzidos e os consumidos no Brasil. Na fase seguinte, avaliou-se a dinâmica dos mercados de processamento do cacau e o da fabricação dos produtos de chocolate. Este estudo procura ainda contribuir com a contínua busca de aprimoramento desses elos produtivos, que apresentam grande oportunidade de crescimento no mercado brasileiro, com geração de emprego, renda e desenvolvimento socioeconômico.

02.

ATIVIDADE AGRÍCOLA DA AMÊNDOA DE CACAU NO BRASIL

ATIVIDADE AGRÍCOLA DA AMÊNDOA DE CACAU NO BRASIL

CONTEXTO HISTÓRICO

A produção de cacau brasileira teve seu auge na década de 60 (1961-1969), quando o País ocupava a liderança global nesse mercado, com uma produção média de 165 mil toneladas, ante 132 mil toneladas da Costa do Marfim. Esse dinamismo foi fruto de uma área plantada de 464 mil hectares com produtividade média de 355 quilos por hectare, enquanto a Costa do Marfim possuía 325 mil hectares plantados, e produtividade média de 408 quilos por hectare. Apesar do melhor desempenho produtivo do país africano, a maior área plantada em terras brasileiras fez com que o nosso país sustentasse o posto de maior produtor global, com participação de 13% do volume total. No entanto, a posição de liderança brasileira era frágil, uma vez que a diferença em área plantada nesse período não era expressiva e o país africano vinha registrando produtividade maior que a do Brasil.

ÁREA PLANTADA
(HECTARES)

Área plantada média de cacau por período (hectares)

Período	Brasil	Costa do Marfim	Global
década 1961-69	464.156	324.744	4.351.123
década 1970-79	441.499	548.230	4.411.739
década 1980-89	597.852	1.111.930	5.043.225
década 1990-99	700.398	1.683.037	6.170.978
década 2000-09	636.262	2.103.109	8.285.571
década 2010-19	659.171	3.390.412	10.919.309

PRODUTIVIDADE
(KG/HA)

Produtividade média de cacau por período (kg/ha)

Período	Brasil	Costa do Marfim	Global
década 1961-69	355	408	303
década 1970-79	557	460	344
década 1980-89	619	509	393
década 1990-99	413	584	463
década 2000-09	309	626	463
década 2010-19	378	507	446

PRODUÇÃO
(TONELADAS)

Produção média de cacau por período (toneladas)

Período	Brasil	Costa do Marfim	Global
década 1961-69	164.707	132.481	1.317.159
década 1970-79	245.980	252.368	1.518.736
década 1980-89	370.176	566.107	1.982.897
década 1990-99	289.445	983.623	2.859.345
década 2000-09	196.631	1.316.768	3.835.474
década 2010-19	249.383	1.718.365	4.870.436

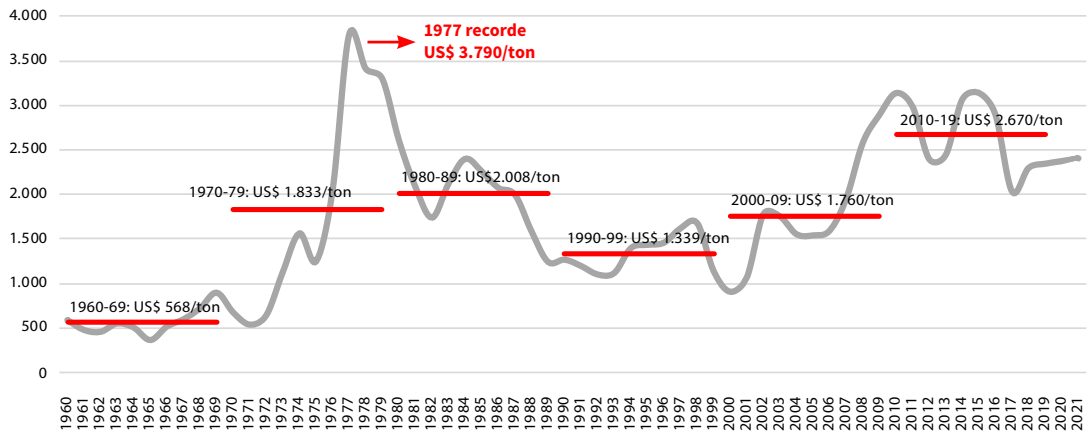
Fonte: FAOSTAT. Elaboração: Fiesp-Deagro.

Os anos de 1970 até 1979 já demonstravam certa fragilidade na produção nacional e, embora com protagonismo relevante, o País não detinha mais a liderança, que passou a ser ocupada pela Costa do Marfim desde então. Nesse período, a área plantada do Brasil ficou relativamente estável, com 441 mil hectares em termos médios, queda de 5% em relação à década de 60. Enquanto isso, a Costa do Marfim elevou em 69% sua área plantada na mesma base de comparação, chegando a 548 mil hectares, ultrapassando definitivamente o Brasil. Mesmo com a melhora na produtividade média da lavoura brasileira, que passou dos 355 quilos por hectare para 557 quilos, incremento de 57%, não foi suficiente para assegurar a primeira posição. O país africano também registrou aumento na produtividade da sua lavoura, alcançando 460 quilos por hectare naquele período, mas com área cultivada 24% maior que a brasileira.

Vale ressaltar que, nos anos 70, o preço do cacau apresentou um salto, saindo da média de US$ 568 por tonelada na década de 60 para US$ 1.833, destacando que 1977 marca a cotação recorde da série histórica, com US$ 3.790/ton. Apesar do recuo em relação a 1977, o período de 1980-1989 registrou preços médios de US$ 2.008 por tonelada, ainda considerados elevados se comparados com a década de 70.

Nesse período, a Costa do Marfim consolidava sua posição de liderança, com aumento de produtividade (10,6%) e dobrando sua área em relação aos anos 70.

**SÉRIE HISTÓRICA DA COTAÇÃO INTERNACIONAL DO CACAU*
(US$/TONELADA)**



Fonte: Cocoa (ICCO), International Cocoa Organization daily price, average of the first three positions on the terminal markets of New York and London, nearest three future trading. Bloomberg; International Cocoa Organization Secretariat; World Bank. Elaboração: Fiesp-Deagro.

A década de 80 (1980-1989) foi o período que marcou profundas mudanças no mercado de cacau brasileiro. Para compreender melhor, vale dividir esse período em dois momentos. Entre 1980 e 1986, a produção de cacau nacional crescia, respondendo aos estímulos de preço que teve início na década de 70. Em 1986, o Brasil registrou seu melhor desempenho histórico na lavoura de cacau, colhendo a produção recorde de 459 mil toneladas, resultado da combinação de uma área plantada de 657 mil hectares e a segunda maior produtividade da série, de 700 quilos por hectare (1979 foi de 742 kg/ha).

No entanto, com o surgimento da chamada vassoura-de-bruxa, a partir de 1987 a produção entrou em declínio ao longo dos anos seguintes, movimento que perdurou até os dias atuais, principalmente em decorrência da falta de investimento, essencial para proporcionar a recuperação e a renovação das lavouras e da produtividade.

Esse cenário intensificou a perda de protagonismo do Brasil, verificada desde os anos 70. Desde então, tornaram-se comuns as situações de desabastecimento da indústria processadora (ZUGAIB, 2015), o que levou o Brasil a importar cacau durante alguns anos.[1]

BRASIL | DESEMPENHO HISTÓRICO DA ATIVIDADE AGRÍCOLA DO CACAU

Países da América do Sul estão crescendo e, se nada for feito, ***Brasil poderá dar continuidade à tendência de queda e perder mais posições na próxima década*** *(2020-2029)*

Ano de 1980	Toneladas	Ranking global
Mundo	1.670.637	
Côte d'Ivoire	417.222	1
Brazil	319.141	2
Ghana	277.200	3
Nigeria	153.000	4
Cameroon	117.053	5
Ecuador	91.215	6
Mexico	36.360	7
Colombia	35.700	8
Malaysia	35.372	9
Papua New Guinea	31.200	10
Demais (47 países)	157.174	-

Ano de 1990	Toneladas	Ranking global
Mundo	2.532.122	
Côte d'Ivoire	807.501	1
Ghana	293.355	2
Brazil	256.246	3
Malaysia	247.000	4
Nigeria	244.000	5
Indonesia	142.347	6
Cameroon	115.000	7
Ecuador	96.722	8
Colombia	56.153	9
Mexico	44.045	10
Demais (47 países)	229.753	-

Ano de 2000	Toneladas	Ranking global
Mundo	3.338.447	
Côte d'Ivoire	1.401.101	1
Ghana	436.600	2
Indonesia	421.142	3
Nigeria	338.000	4
Brazil	196.788	5
Cameroon	122.600	6
Malaysia	70.262	7
Ecuador	64.991	8
Papua New Guinea	46.800	9
Dominican Republic	37.107	10
Demais (47 países)	203.056	-

Ano de 2010	Toneladas	Ranking global
Mundo	4.329.436	
Côte d'Ivoire	1.301.347	1
Indonesia	844.626	2
Ghana	632.037	3
Nigeria	399.200	4
Cameroon	264.077	5
Brazil	235.389	6
Ecuador	132.099	7
Togo	101.500	8
Dominican Republic	58.334	9
Mexico	50.114	10
Demais (47 países)	310.713	-

Ano de 2019	Toneladas	Ranking global
Mundo	5.596.397	
Côte d'Ivoire	2.180.000	1
Ghana	811.700	2
Indonesia	783.978	3
Nigeria	350.146	4
Ecuador	283.680	5
Cameroon	280.000	6
Brazil	259.425	7
Peru	135.928	8
Colombia	102.154	9
Dominican Republic	88.961	10
Demais (47 países)	320.425	-

O que falta para o segmento agrícola de cacau do Brasil voltar ao crescimento consistente e sustentável?

Fonte: FAOSTAT.
Elaboração: Fiesp-Deagro.

1 Estudo de Competitividade do Cacau e Chocolate no Brasil: Desafios para Aumentar a Produção e Participação no Comércio Global. MDIC, 2018.

CENÁRIO ATUAL

NÚMERO DE PROPRIEDADES E EMPREGO NO RAMO AGRÍCOLA

Dados do último Censo Agropecuário (2017), divulgado pelo IBGE, dá o tom da relevância socioeconômica e ambiental da produção do cacau no Brasil, ao mesmo tempo que nos demonstra a complexidade dessa atividade: há mais de 93 mil estabelecimentos produtores de cacau no País, sendo 69 mil na Bahia (74% do total) e 18 mil no Pará (19%), os quais, somados, representam 93% de todas as propriedades agrícolas dedicadas ao cultivo da amêndoa.

Em média, cada estabelecimento ocupa 2,89 pessoas, o que significa que o cultivo gera 269 mil empregos diretos, sem considerar os temporários no período de colheita. Essa dinâmica produtiva gera renda e impulsiona a economia nos municípios onde as lavouras estão localizadas e a análise dos indicadores históricos do setor sugere que há boas oportunidades para o crescimento e o desenvolvimento dessa importante atividade, que confere ao Brasil, além de aptidão no campo, externalidades positivas que não são observadas em outros países produtores. É o que vamos explorar neste trabalho.

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A lavoura da amêndoa gerou R$ 3,8 bilhões de valor bruto da produção agrícola (VBPA) em 2020, segundo os dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Os estados do Pará e da Bahia representaram 94% desse total.

No Pará, o cacau é a terceira maior atividade agropecuária, com valor de R$ 1,9 bilhão em 2020, ou 9,4% do valor bruto total gerado pelo setor no estado (R$ 20 bilhões), superada apenas pela pecuária bovina (R$ 9,5 bilhões) e pela soja (R$ 3,7 bilhões). Na Bahia, o cultivo da amêndoa gerou R$ 1,7 bilhão, ou 4,7% do valor bruto da produção agropecuária baiana, de R$ 35 bilhões. A cultura ocupa a oitava posição entre todas as atividades agropecuárias desse estado: soja (31,4%), algodão herbáceo (13,3%), pecuária bovina (13,1%), milho (6,6%), café (5,9%), frango (5,1%) e banana (4,9%) são as primeiras colocadas.

Nos últimos dez anos (2011-2020), em termos reais, com valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV, o VBPA-Cacau aumentou 53%, saindo de R$ 2,5 bilhões em 2011 para R$ 3,8 bilhões em 2020. Esse desempenho foi puxado pelo Pará, que no período teve um incremento em valor de 204%, ante os 6% de alta registrada pelo produtor baiano.

ÁREA PLANTADA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Os maiores estados brasileiros produtores de cacau, em área e produção, são Pará e Bahia, que, juntos, respondem por 95% da área plantada e 93% da produção nacional. Nos últimos dez anos, a área plantada com cacau na Bahia recuou 16%, saindo de 533 mil hectares em 2011 para 450 mil hectares em 2020. A área atual representa 72% do total ocupado com o produto no País, que foi de 628 mil hectares. Se, por um lado, a Bahia detém a maior área plantada com a amêndoa, sua baixa produtividade – de apenas 244 quilos por hectare, abaixo da média nacional (435 kg/ha) – impacta diretamente sua produção, que caiu de 156 mil toneladas em 2011, para 110 mil toneladas em 2020, volume 30% inferior. Com isso, o estado perdeu a liderança nacional para o Pará (IBGE – PAM e LSPA), que trilhou o caminho inverso, com ganhos em área e produtividade.

O desempenho da lavoura no Pará foi surpreendente no período (2011-2020): alta de 76% na área plantada (de 85 mil para 150 mil hectares) e 126% na produção (de 64 mil para 144 mil toneladas), reflexo da excelente produtividade média, que saiu de 750 kg/ha em 2011 para 964 kg/ha em 2020 (IBGE – PAM e LSPA).

Apesar da queda na área cultivada no Brasil, os ganhos de produtividade evitaram a redução na produção. No período em análise, o Brasil recuou 10% em área plantada com cacau, caindo de 680 mil para 628 mil hectares. A produção partiu de 248 mil toneladas produzidas em 2011 para 273 mil toneladas em 2020, crescimento de 10% influenciado pelo incremento médio de 19% na produtividade (de 365 kg para 435 kg/ha).

APRIMORAMENTO DAS ESTATÍSTICAS OFICIAIS DE CACAU

Com o intuito de contribuir, vale uma ressalva importante sobre as estatísticas oficiais do setor. Tomando como referência os dados de 2020, o Brasil colheu 273.064 toneladas de cacau (IBGE), e os dados de comércio internacional indicam que o País exportou 633 toneladas e importou 46.488 toneladas no mesmo ano (Comex Stat – NCM 1801). Com isso, temos um consumo aparente de 318.919 toneladas para uso da amêndoa no mercado interno.

Segundo dados da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), suas três associadas respondem por em torno de 95% da aquisição total da amêndoa disponível no mercado interno, e o setor industrial conta com capacidade instalada total de processamento da ordem de 275 mil toneladas.

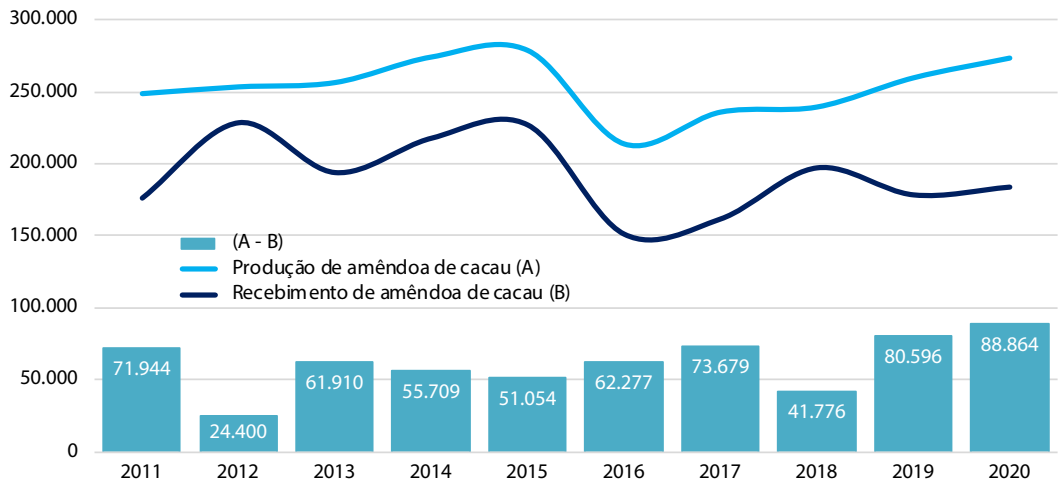
Em 2020, o levantamento da entidade indicou que as indústrias processadoras de cacau adquiriram 184.200 toneladas do mercado brasileiro (AIPC a partir de Thomas Hartman), sendo necessária a importação de 46.488 toneladas para atender à necessidade interna das indústrias instaladas no Brasil.

Nota-se uma diferença de 88.864 toneladas entre o volume de cacau informado pelo IBGE e o recebido pela indústria processadora (273.064 toneladas menos 184.200 toneladas). Essa diferença pode ser observada em praticamente todos os anos, e na média dos últimos dez anos (2011-2020) o volume corresponde a 61.221 toneladas.

A hipótese é de que o volume produzido de cacau informado pelo IBGE esteja superestimado. Para corroborar e reforçar essa premissa, podemos utilizar a Pesquisa Industrial Anual – Produto, do IBGE, que em seu último dado disponível, em 2018, indica que a indústria processadora de cacau gerou 199.221 toneladas, já considerando a importação da amêndoa, o que está em linha com os dados da AIPC.

DADOS SUGEREM QUE A PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CACAU EM AMÊNDOA ESTÁ SUPERESTIMADA

Diferença entre a produção agrícola de amêndoa de cacau e o seu recebimento pela indústria processadora (toneladas)



Fontes: A) IBGE - PAM e LSPA; B) AIPC. Elaboração e considerações: Fiesp-Deagro.

Não é novidade que a realização de pesquisa de campo é uma tarefa extremamente complexa e custosa. O trabalho do IBGE e dos demais órgãos de pesquisa agrícola do País é ainda mais desafiador, dado a nossa extensão continental, limitação de recursos físicos e financeiros e uma infraestrutura que muitas vezes não facilita.

No caso do cacau, essa tarefa consegue ser ainda mais difícil, em razão de sua característica. Segundo o Censo Agropecuário do IBGE, há perto de 93 mil propriedades produtoras de cacau em todo o País, e 84% delas tem menos de 50 hectares. Soma-se a essa dispersão das propriedades a localização das fazendas, que estão ou dentro das florestas da Mata Atlântica na Bahia ou no interior da região Amazônica, no estado do Pará, com estradas que dificultam o acesso dos pesquisadores e a baixa conectividade do meio rural.

Esses fatores somados justificam a defasagem, em termos de levantamento de campo, da área plantada e dos fatores de produção que expliquem a real produtividade das lavouras. Este trabalho considera que a tendência das variáveis está correta; no entanto, deve haver uma superestimação em termos de área e/ou produtividade, sobretudo na Bahia e no Pará, os dois maiores produtores do Brasil.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A ATIVIDADE AGRÍCOLA DO CACAU

ESTATÍSTICAS AGRÍCOLAS OFICIAIS

Como abordado acima, há necessidade de os setores público e privado, juntos, cooperarem para aprimorar as estatísticas oficiais da produção agrícola e industrial do País. As pesquisas oficiais são imprescindíveis para a formulação de políticas públicas, como, por exemplo, o crédito e o seguro rural, mas também para a promoção do desenvolvimento socioeconômico; além disso, permite que o setor privado elabore seu planejamento, como, por exemplo, a tomada de decisão para instalar uma planta industrial em determinado país-estado-município, bem como calibrar seus investimentos.

No caso do cacau, especificamente, a diferença gerou certas divergências entre produtor e indústria, sobretudo quanto à necessidade de importação. Assim, a estatística oficial ajustada poderá unir a cadeia produtiva novamente, atendendo à necessidade de desenvolvimento e crescimento do setor, com geração de emprego, renda e arrecadação, entre tantos outros benefícios socioeconômicos.

Como sugestão, vemos duas oportunidades concomitantes: uma de curto prazo e outra de médio-longo prazo. A de curto prazo seria balizar a estatística agrícola do cacau usando como proxy o recebimento das indústrias processadoras. Dado que as três maiores indústrias processadoras correspondem por quase 95% do volume de aquisição do cacau no Brasil, além dos baixos volumes exportados e em estoque da amêndoa, a harmonização dos dados passaria por uma simplificação considerável.

Havendo interesse dessas indústrias, por meio de sua representante setorial, a AIPC, o levantamento e a validação oficial dos números seriam bem menos custosos e teriam maior celeridade. Além disso, lembramos que o próprio IBGE, a partir da equipe de Pesquisa Industrial Anual – Produto, já faz esse levantamento e validação, sendo esse um caminho adicional que apenas reforça a alternativa como possível e viável.

A segunda alternativa é buscar a atualização das pesquisas de campo sobre a área efetivamente em produção e os atuais indicadores de manejo que resultam na produtividade média dos municípios produtores. Esta via é mais demorada e mais custosa. No entanto, é certo que algo precisa ser feito.

RETOMADA DO INVESTIMENTO NO MEIO AGRÍCOLA

Para a agropecuária, ramo econômico extremamente complexo, que lida no dia a dia com desafios de mercado, variações climáticas e impactos sanitários, não há novidade nas várias crises e ciclos que cada cultura passou ao longo dos anos em atividade.

As mais desafiadoras pragas agrícolas foram vencidas no Brasil com investimento em manejo integrado de agroquímicos, biodefensivos e práticas consagradas, como rotação de cultura. Foi assim, utilizando a ciência, que enfrentamos pragas e doenças, a saber: i) Vassoura-de-bruxa – nome popularizado por uma novela. Atacou a cultura do cacau no Brasil, recuperada com o uso de fungicidas e biodefensivos; ii) Sigatoka Negra – atacou as bananeiras e foi combatida com controle químico, biológico e melhoramento genético; iii) Vespa-da-madeira – pinus – controle biológico; iv) Bicudo-do-algodoeiro – algodão – controle químico e cultural. Controle cultural significa mobilização do solo, rotação de cultura, adubação, alteração da época de plantio, poda ou desbaste, irrigação ou drenagem, destruição de hospedeiros alternativos, uso de barreiras e destruição mecânica; v) Ferrugem-da-soja – soja – controle químico e cultural; vi) Helicoverpa armigera – soja, algodão, milho, feijão e diversas outras culturas – controle químico e biológico; vii) Cancro cítrico – citros – controle cultural, químico e biológico; viii) Mosca das frutas – manga, citros, goiaba, pêssego etc. – controle químico e biológico; ix) Mosca da carambola – diversas culturas – restrita aos estados do AP, RR e algumas áreas do PA – em erradicação com o uso de controle químico e cultural.

Por essa razão, um dos principais desafios para a cultura do cacau é voltar a investir, de forma mais substancial e eficiente, com o objetivo de elevar a produtividade e reduzir os custos de produção, proporcionando melhores margens ao produtor, incentivando-o a continuar na atividade. A solução não é fácil nem de curto prazo, mas é necessária e urgente. Os estados produtores, sobretudo os que têm baixa produtividade, decorrente do envelhecimento da lavoura ou do manejo inadequado, fruto do desinvestimento de várias décadas, devem encaminhar suas iniciativas por meio da cooperação entre o Estado, os produtores, as cooperativas e as indústrias processadoras.

• O PAPEL DO ESTADO

Os estados podem estimular novas pesquisas em melhoramento genético, visando qualidade e resistência; tecnologia e inovação na área de manejo (máquinas e implementos), com o objetivo de ampliar a produtividade; investir em programas mais efetivos de assistência técnica agrícola e na renovação do cacaueiro.

• AS COOPERATIVAS

A associação dos produtores em cooperativas traz inúmeros benefícios. No caso dos produtores que possuem baixo acesso ao crédito, por não terem lastro suficiente, a união com as cooperativas pode originar a solução em várias frentes: maior segurança jurídica para os agentes financeiros; maior investimento na renovação e recuperação das áreas com o cacau, bem como em melhores e mais modernas técnicas de manejo, aprimoramento da infraestrutura das propriedades; redução dos custos na aquisição de insumos e nas transações de venda da safra; aumento da produtividade e produção; e agregação de valor para seus associados, entre tantos outros.

A organização em cooperativas de produtores já se mostrou eficiente, basta comparar os indicadores de desempenho de pequenas e médias propriedades cooperadas e não cooperadas, sobretudo adotadas na Região Sul do Brasil em diferentes ramos agropecuários. Portanto, esta solução pode ser aplicada ou adaptada aos demais estados produtores do cacau, mesmo o Pará, que atualmente é o maior produtor, em termos de volume, e com melhores indicadores de desempenho.

• INTEGRAÇÃO INDÚSTRIA-PRODUTOR

Outra oportunidade seria o aumento da integração entre indústria-produtor, a exemplo do que é realizado no setor de produção de frangos e suínos, por exemplo. A Lei da Integração (Lei 13.288/2016) regulamentou essa relação ao dispor sobre os contratos de integração, obrigações e responsabilidades nas relações contratuais entre produtores integrados e integradores, e dá outras providências.

Segundo informações da CNA[2], esse arranjo produtivo começou a ser implantado no Brasil na década de 1960, inspirado no modelo americano. Ao longo dos anos seguintes, a integração se consolidaria, principalmente porque fornece à indústria matéria-prima sob demanda, tanto em relação aos volumes (quantidade) quanto aos padrões de qualidade desejados. Portanto, é um ganho para todos os envolvidos.

AS OPORTUNIDADES

Apesar dos inúmeros desafios, o Brasil certamente tem vocação para a produção de cacau. Temos produtores com tradição e conhecimento; uma população jovem cada vez mais engajada e interessada nas atividades agropecuárias, atraídas pelas inovações tecnológicas nesse ramo, além do surgimento de vários cursos agropecuários nas nossas principais universidades; os principais compradores da amêndoa de cacau estão instalados no País, trazendo vantagem na comercialização: as maiores indústrias processadoras de cacau e produtoras de chocolate do mundo; o Brasil conta com centros de pesquisa agrícola de referência, o que contribuiu para que saíssemos da condição de importadores líquidos de alimentos na década de 90 para um dos maiores fornecedores de alimentos, fibras e energia do mundo; nosso mercado interno é extremamente relevante, com mais de 211 milhões de habitantes, trazendo forte potencial de crescimento para a cultura do cacau e seus derivados.

A sobrevivência na agropecuária requer muita vocação, cooperação, conhecimento técnico-científico e, sobretudo, contínuo investimento em infraestrutura, manejo e novas tecnologias.

2 https://www.cnabrasil.org.br/noticias/criada-há-três-anos-lei-da-integração-trouxe-equilíbrio-entre-produtores-e-agroindústria

03.

INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU

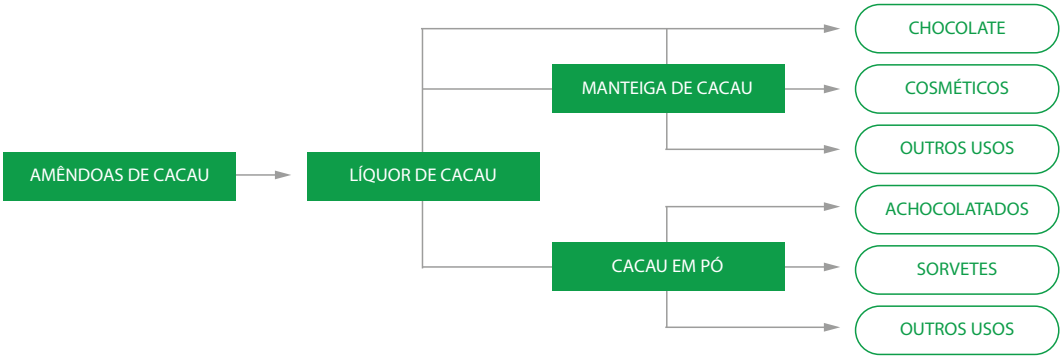
INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU

Dados da International Cocoa Organization (ICCO) demonstram que mais da metade do cacau é processada em regiões não produtoras da amêndoa, como, por exemplo, a Europa, que processou 36%, e os EUA, com 8% do volume mundial de 2019/20. Por outro lado, a Costa do Marfim, que representa 45% da amêndoa produzida em todo o mundo, industrializou apenas 13% do volume global. O Brasil processa integralmente a safra agrícola que produz e ainda importa, em média, o equivalente a 19% da amêndoa para atender à sua necessidade interna de beneficiamento.

Segundo informação extraída do estudo *Cacau e Chocolate no Brasil: Desafios na Produção e Comércio Global*, elaborado pelo extinto Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, atual Ministério da Economia (MDIC/2018), essa concentração do processamento em países não produtores da amêndoa está relacionada à instalação das cinco maiores indústrias chocolateiras que têm origem nessas regiões – Mars (EUA); Ferrero (Itália); Mondelez (EUA); Meiji (Japão) e Nestlé (Suíça).

Desse ponto de vista, o Brasil apresenta-se como estratégico para esse segmento industrial: nosso país aproxima os fornecedores, ou seja, os produtores da amêndoa de cacau, com potencial de ampliar sua produção agrícola interna, dos seus compradores, já que estão instaladas no Brasil as principais indústrias produtoras de chocolate do mundo, como Nestlé, Garoto, Mars, Ferrero, Mondelez e Arcor, dentre tantas outras. Essa vantagem dá ao País a possibilidade de agregar valor e internalizar os empregos e a renda gerada na atividade.

PROCESSAMENTO DO CACAU E SUA DISTRIBUIÇÃO



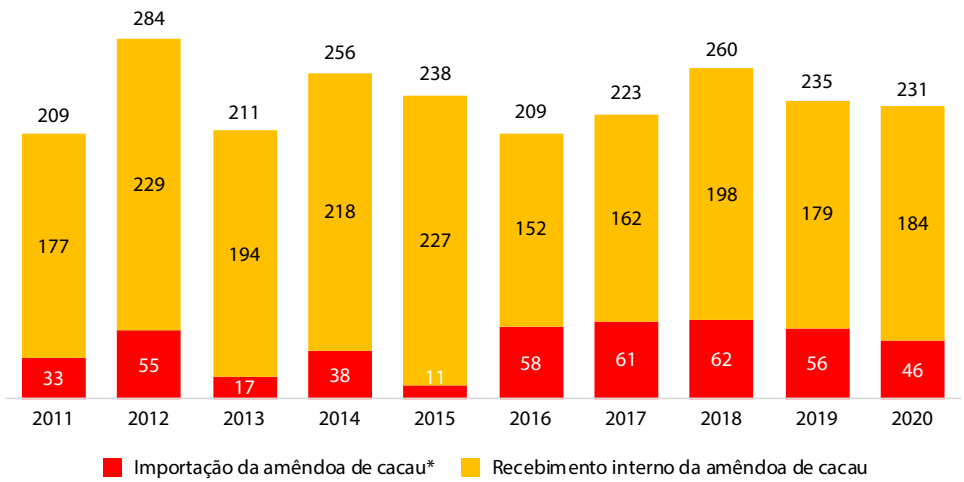
Fonte: "Cacau e chocolate no Brasil: desafios na produção e comércio global"- MDIC, 2018; a partir de AIPC (2018) e Barry Callebaut (2018).

Segundo informações da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), suas três associadas (Cargill, Barry Callebaut e Olam) representam 95% do total de recebimento de cacau produzido no Brasil e possuem uma capacidade instalada de processamento de 275 mil toneladas de amêndoas, gerando 4 mil empregos e R$ 2,1 bilhões em valor bruto da produção em 2020 (PIA-Produto/IBGE e estimativa Deagro-Fiesp).

PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DO CACAU PROCESSADO

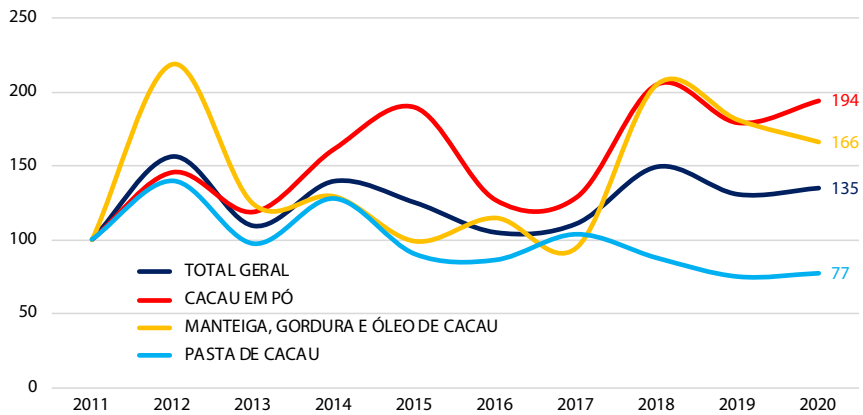
Nos últimos dez anos (2011-2020), o volume de moagem no Brasil ficou relativamente estável: a moagem de cacau foi de 231 mil toneladas em 2020, sendo 184 mil toneladas recebidas de produtores brasileiros e 46 mil toneladas de amêndoas importadas*, o que representa um aumento acumulado de 10,3%, ou de 0,9% ao ano, em relação a 2011, quando a moagem foi de 209 mil toneladas, sendo 177 mil de cacau brasileiro e 33 mil toneladas importados (AIPC a partir de Thomas Hartman e Comex Stat – NCM 1801).
Em 2020, as principais categorias de produtos comercializadas foram cacau em pó (48%), pasta de cacau (28%), manteiga, gordura e óleo de cacau (22%) e resíduos (2%). Em relação a 2011, cacau em pó (33%) e manteiga, gordura e óleo de cacau (18%) registraram aumento de 15 e 4 pontos porcentuais (p.p.), respectivamente. Já a pasta de cacau recuou 20 p.p. no período.

INDÚSTRIA BRASILEIRA DE PROCESSAMENTO DO CACAU**
VOLUME TOTAL DE RECEBIMENTO DE CACAU PARA MOAGEM (MIL TONELADAS)



*Nota: Segundo a AIPC, no ano de 2020 o voume de importação informado pela Comex Stat está acrescido de 10.740 toneladas, por conta de uma mudança de regime especial ocorrida, gerando assim uma divergência em relação a base apresentada pela entidade.
**Nota: representa a moagem do cacau e a geração dos produtos i) cacau em pó, sem adição de açúcar ou de outros edulcorantes (1093.2050); ii) manteiga, gordura e óleo de cacau (1093.2110); iii) pasta de cacau ou líquor de cacau (1093.2120). Fonte: AIPC. Elaboração: Fiesp-Deagro.

EVOLUÇÃO DA DISPONIBILIDADE INTERNA, POR CATEGORIA*
ÍNDICE-BASE 100 = 2011



*Nota: representa a moagem do cacau e a geração dos produtos i) cacau em pó, sem adição de açúcar ou de outros edulcorantes (1093.2050); ii) manteiga, gordura e óleo de cacau (1093.2110); iii) pasta de cacau ou líquor de cacau (1093.2120). Fontes: AIPC e Comex Stat. Estimativa das categorias de produtos com base nos dados do IBGE-PIA Produto. Elaboração: Fiesp-Deagro.

A disponibilidade interna dos produtos processados do cacau, que corresponde à soma da produção com a importação menos a exportação, entre 2011 e 2020, registrou crescimento de 35% sob todas as formas. Cacau em pó (94%) e manteiga, gordura e óleo de cacau (66%) foram os produtos que puxaram as vendas para cima. Já a pasta de cacau registrou queda de 23% no período.

O líquor (pasta) e a manteiga de cacau são os principais insumos na produção de chocolate, enquanto o pó de cacau é mais utilizado na produção de achocolatados, sorvetes e biscoitos (MDIC, 2018).

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE PRODUTOS DO CACAU PROCESSADO (1802 ATÉ 1805)

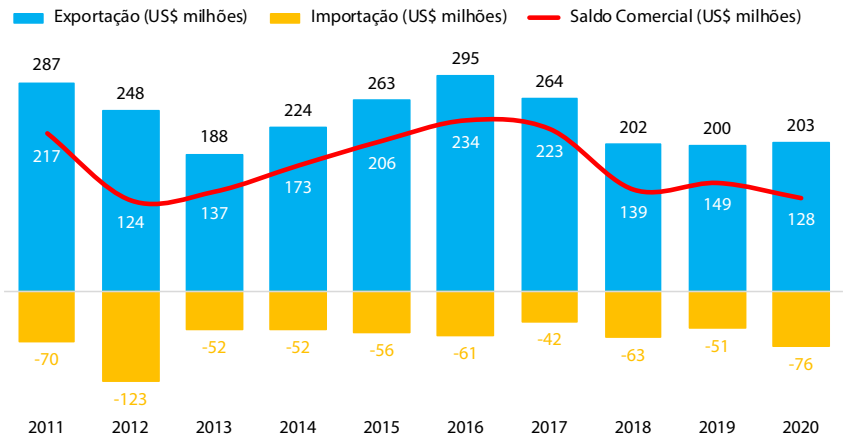
O Brasil é exportador líquido de derivados do cacau processado (NCM 1802 até 1805), mas as importações cresceram em ritmo acelerado na última década: entre 2011 e 2020, a importação saiu de 17 mil toneladas para 43 mil toneladas, alta de 149%. Já as exportações apresentaram movimento inverso, com queda de 17% no período (Comex Stat).

Os principais produtos embarcados em 2020, em volume, foram a manteiga, gordura e óleo de cacau (24 mil tons), o cacau em pó (21 mil tons) e a pasta de cacau (6 mil tons), esta última com um viés de queda nos últimos dez anos.

Na importação, o cacau em pó (25 mil tons) e a pasta de cacau (14 mil tons) foram os dois principais produtos comprados.

Entretanto, mesmo ocorrendo um aumento da importação em ritmo superior ao da exportação, o setor ainda gera superávit comercial ao País. Em 2020, o saldo foi positivo em US$ 128 milhões, ante os US$ 217 milhões de 2011.

PRODUTOS DERIVADOS DO CACAU PROCESSADO*
BALANÇA COMERCIAL (US$ MILHÕES)



*Nota: considerou as NCM's **18020000** - CASCAS, PELÍCULAS E OUTROS DESPERDÍCIOS DE CACAU; **18031000** e **18032000** - PASTA DE CACAU OU LIQUOR DE CACAU; **18040000** - MANTEIGA, GORDURA E ÓLEO DE CACAU; **18050000** - CACAU EM PÓ, SEM ADIÇÃO DE AÇÚCAR OU OUTROS EDULCORANTES. Fonte: Comex Stat. Elaboração: Fiesp-Deagro.

OPORTUNIDADE DE INSERÇÃO NO MERCADO GLOBAL

Segundo dados do Trade Map, o comércio global de cacau em amêndoa e processados do cacau (excluindo chocolates) movimentou US$ 21 bilhões em 2019, último dado disponível. Cacau inteiro ou partido (1801) foi responsável por 45,2% desse valor, seguido por manteiga, gordura e óleo de cacau (27,4%), pasta de cacau (15,8%) e cacau em pó (11,5%). O Brasil detém apenas 1% do total desse mercado, tendo maior participação nas categorias cacau em pó, sem açúcar ou edulcorante (2,3% do mercado global desse produto) e manteiga, gordura e óleo de cacau (2,1%).

O Brasil proporciona vantagens estratégicas para as indústrias aqui instaladas, como a proximidade entre fornecedores e clientes, além de um mercado interno relevante e com potencial de crescimento. No entanto, é necessário superar as discrepâncias encontradas nas estatísticas agrícolas oficiais e avançar na agenda de desenvolvimento da atividade dentro da porteira para conquistar incrementos de produtividade e da produção do cacau brasileiro, com benefícios a toda cadeia produtiva.

04.

INDÚSTRIA DE CHOCOLATE

INDÚSTRIA DE CHOCOLATE

PERFIL DA INDÚSTRIA DE CHOCOLATES NO BRASIL

O Brasil é um dos maiores produtores e fornecedores de alimentos, fibras e energia do mundo, e conta com uma cadeia produtiva completa. No caso da indústria de chocolate não é diferente. O País está entre os maiores produtores de cacau do mundo, com considerável potencial para aumentar sua produção agrícola; conta com um relevante parque industrial de processamento da amêndoa, além de ser grande produtor de leite (em pó) e açúcar, outras duas importantes matérias-primas da indústria de chocolate. Além disso, ocupamos a quinta posição entre os maiores mercados consumidores do mundo (ABICAB).

Segundo os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), vinculada ao Ministério da Economia, há 635 estabelecimentos produtores de chocolates no País. Oportunamente, todas as grandes multinacionais estão instaladas em nosso território, gerando cerca de 39 mil empregos, entre ocupação direta e temporária em período de Páscoa (ABICAB, 2019). Desse universo, 85% dos estabelecimentos são de pequeno porte (até 19 empregados), enquanto 46% dos empregos são gerados nas empresas com mais de 500 funcionários. Estima-se que as indústrias geram R$ 12,2 bilhões em valor bruto da produção industrial, e apresentaram alta de 9% em uma década (IBGE/PIA-Produto).

Um indicador importante do setor industrial, divulgado pelo IBGE (Pesquisa Industrial Anual), é a produtividade relativa do trabalho, que é calculada a partir da razão entre o valor da transformação industrial e o número de pessoas ocupadas. Esse indicador aponta que o trabalhador da indústria de chocolates gerou um valor de R$ 206 mil, ante os R$ 141 mil registrado na média dos trabalhadores da indústria de produtos alimentícios e R$ 191 mil da média do trabalhador da indústria de transformação.

O setor industrial de cacau e chocolate é competitivo e gera benefícios econômicos e sociais ao País, com o pagamento de cerca de R$ 2 bilhões em salários e retiradas e R$ 1,2 bilhão em encargos sociais e trabalhistas, havendo ainda muita oportunidade para crescimento (PIA-IBGE).

PRODUÇÃO DE CHOCOLATES

Segundo os dados da Associação Brasileira da Indústria de Chocolates, Amendoim e Balas (ABICAB), o Brasil produziu 757 mil toneladas de chocolates em 2020, considerando também os achocolatados, volume relativamente estável nos últimos dez anos, com aumento de 0,8% ao ano. Essa produção é majoritariamente consumida no mercado interno.

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE CHOCOLATES (1806 E 1704.9010)

As exportações brasileiras de produtos de chocolate chegaram a 145 países em 2020, tendo como principais clientes os mercados da América do Sul e os Estados Unidos, totalizando 30 mil toneladas e gerando receita de US$ 101 milhões. Em uma década (2011-2020), as vendas externas recuaram 11% em volume e 28% em valor.

Por sua vez, as importações brasileiras de produtos de chocolates tiveram origem em 39 diferentes países, sendo seus principais fornecedores Argentina, Europa e EUA. Em 2020, as compras externas desses produtos somaram 16 mil toneladas e custaram US$ 114 milhões ao País. Entre 2011 e 2020, as importações cresceram 11% em volume e 15% em valor.

Em volume, as exportações representaram perto de 4% da produção, enquanto as importações apenas 2% do consumo aparente brasileiro, para o ano de 2020. O saldo comercial com os produtos de chocolate saiu de um superávit da ordem de US$ 41 milhões em 2011 para um déficit de US$ 13 milhões em 2020.

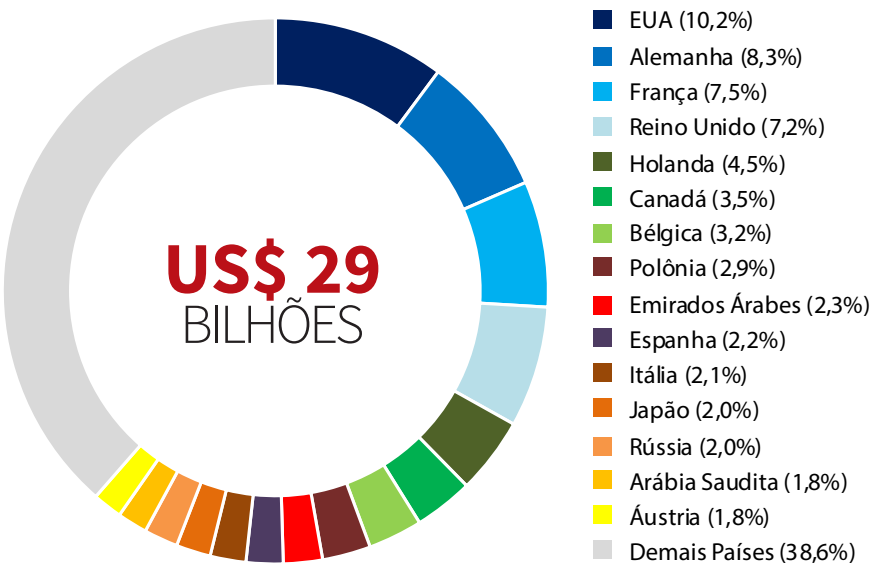
OPORTUNIDADE NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

O comércio global de chocolates movimentou em torno de US$ 29 bilhões em 2019, segundo dados do Trade Map. Os maiores compradores mundiais são os países desenvolvidos, como EUA, Europa e Japão, por exemplo. Esses países apresentam um consumo *per capita* relativamente estável, e em patamares elevados.

No entanto, como foi mencionado, há oportunidades para crescimento nos países em desenvolvimento, como, por exemplo, China e Índia, que ainda possuem um consumo *per capita* relativamente baixo.

O Brasil, que detém apenas 0,4% de inserção nesse mercado global, pode buscar elevar sua participação com vendas para países em desenvolvimento, bem como explorar o enorme potencial de seu mercado interno.

CHOCOLATES E PREPARAÇÕES CONTENDO CACAU
MAIORES IMPORTADORES GLOBAIS EM 2019



Nota: 15 maiores importadores globais representam 61,4% do total. Fonte: Fiesp-Deagro a partir de dados do Trade Map.

CONSUMO INTERNO DE CHOCOLATES

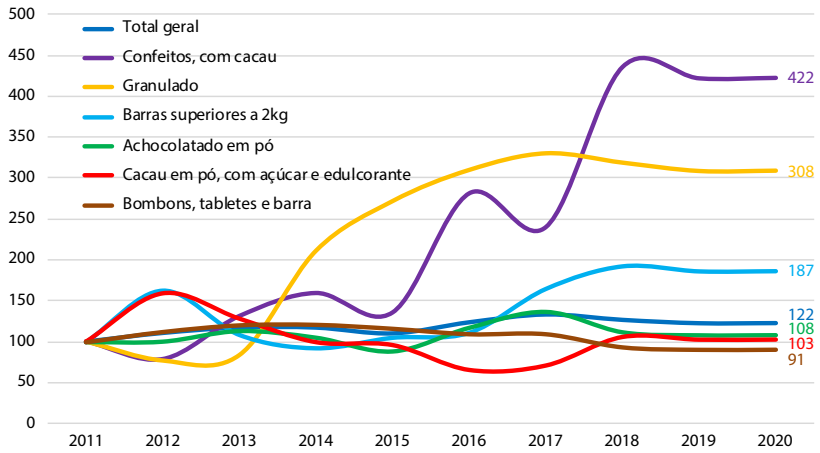
Estima-se que houve um consumo aparente de 743 mil toneladas de chocolates no Brasil em 2020, incluindo achocolatados, crescimento médio anual de 0,8% na comparação com 2011. Na última década, as principais categorias de produtos comercializadas no País que tiveram os maiores aumentos em termos de volume, foram confeitos de chocolate (322%), granulados (208%) e barras de chocolate com mais de 2 quilos (87%). A expansão relativamente alta nesse grupo de produtos pode estar associada, em parte e não exclusivamente, ao período de crise econômica pela qual o Brasil passou entre 2011 e 2020.

O brasileiro é extremamente trabalhador e criativo e, em períodos de crise, costuma gerar renda ou complementar a sua renda principal, comercializando alimentos através da venda de lanches, bolos, pastéis e chocolates, entre outros. Esses três itens com alto crescimento na última década são os principais ingredientes para elaboração de bolos, trufas e doces contendo chocolate.

Produtos como bombons, trufas, barras de chocolate, licores, achocolatados, manteiga de cacau, xaropes, essência, matérias-primas para confeitaria, cosméticos e produtos de beleza, derivados do cacau, são algumas das oportunidades de negócios para as micro e pequenas empresas, em especial quando combinado com as saborosas e suculentas frutas brasileiras. Além desses produtos, destaca-se a utilização da polpa de cacau para a elaboração de geleias, doces, destilados finos, fermentados, néctares e sorvetes. (CEPLAC, p. 13)[3]

VENDA DE PRODUTOS DE CHOCOLATES, POR CATEGORIA

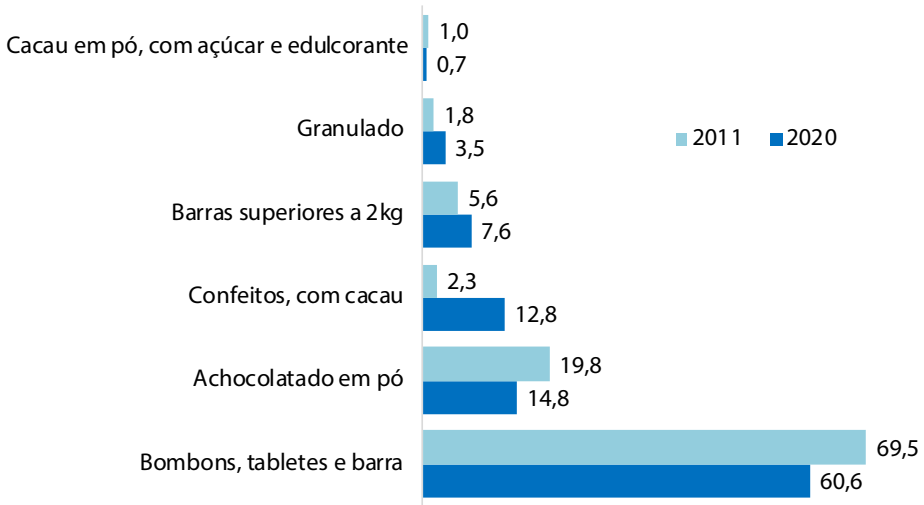
ÍNDICE VOLUME BASE 100 = 2011



Fonte: Fiesp-Deagro a partir dos dados do IBGE - Pesquisa Industrial Anual Produto e ABICAB. Valores corrigidos pelo IPCA do IBGE de dezembro de 2020. Elaboração: Fiesp-Deagro.

3 https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/ceplac/publicações/chocolates-finos-e-de-aroma/chocolate-com-frutas-brasileiras/view

PARTICIPAÇÃO NO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DE CHOCOLATE, POR CATEGORIA DE PRODUTOS (% DO VALOR)



Fonte: Fiesp-Deagro a partir dos dados do IBGE - Pesquisa Industrial Anual Produto e ABICAB. Valores corrigidos pelo IPCA do IBGE de dezembro de 2020. Elaboração: Fiesp-Deagro.

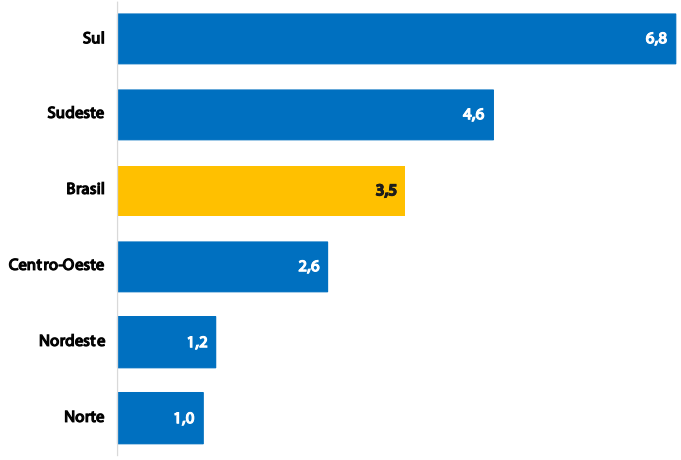
Vale ponderar que, apesar de certa estabilidade na venda de bombons, tabletes e barras de chocolate, esses produtos representam 61% do valor das vendas.

Considerando os 211,7 milhões de habitantes do Brasil (IBGE, 2020), chegamos a um consumo *per capita* de 3,5 quilos por habitante. Embora o nosso consumo *per capita* médio seja menor que o verificado em economias desenvolvidas, o Brasil apresenta potencial de crescimento associado à perspectiva de aumento da renda. As regiões brasileiras Sul (6,8 kg/hab./ano) e Sudeste (4,6 kg/hab./ano) apresentam consumo *per capita* equivalente aos das economias desenvolvidas. São Paulo, estado mais rico e populoso do Brasil, é o nosso maior consumidor em termos absolutos, com 39% do total.

Entre as faixas de renda, a população que recebe de 3 a 6 salários representa 27% do volume consumido de chocolate. Nas faixas acima de 6 salários, que representam em torno de 27% da população brasileira, o consumo de chocolate é equivalente entre 15% e 21%, e somadas chegam à 57% do total. O Brasil tem potencial para crescer em todas as faixas de renda, mas, sobretudo, naquela que ganha até 3 salários, e que representa 40% da população brasileira ou, aproximadamente, 85 milhões de pessoas. Esse grupo responde por perto de 15% do consumo total de chocolate no País.

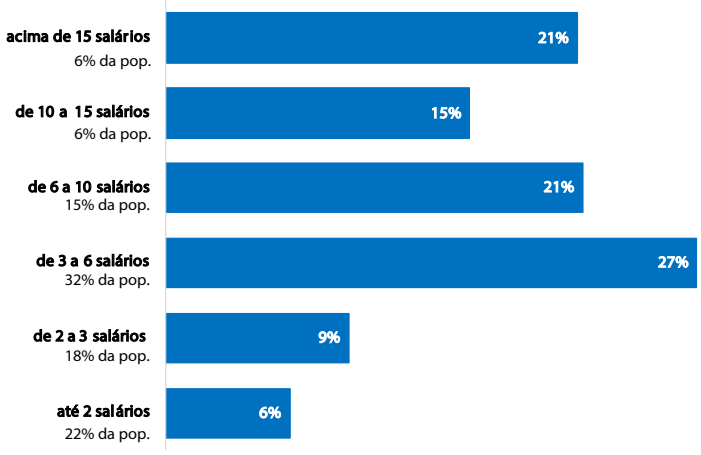
BRASIL | CONSUMO DOMÉSTICO DOS PRODUTOS DE CHOCOLATE*

CONSUMO DE CHOCOLATE | CONSUMO *PER CAPITA* (KG/HAB.)



Apesar de São Paulo ser o maior consumidor em termos absolutos do País (39%), os estados da Região Sul possuem maior consumo *per capita*, com quase o dobro da média nacional.

CONSUMO DE CHOCOLATE | DISTRIBUIÇÃO DAS DESPESAS POR FAIXA DE RENDA



Nota: *Refere-se as despesas totais com aquisição dos produtos de chocolate, em termos monetários e deflacionados pelo IPCA-IBGE (jun/2018 até dez/2020). Fonte: Fiesp-Decomtec - Inteligência de Mercado a partir dos microdados da Pesquisa de Orçamento Familiar 2017/2018 (POF 2017/2018 do IBGE).

Para a democratização do consumo de chocolate, é necessário avançar na agenda das reformas necessárias à promoção do desenvolvimento socioeconômico, aprimorando a infraestrutura (logística e de conectividade) e elevando a renda média do brasileiro, com geração de emprego. No caso da cadeia produtiva do cacau, perseguir o objetivo de aumentar a produção da sua amêndoa e dos produtos processados no Brasil, que certamente contribuirá para essa meta de progresso.

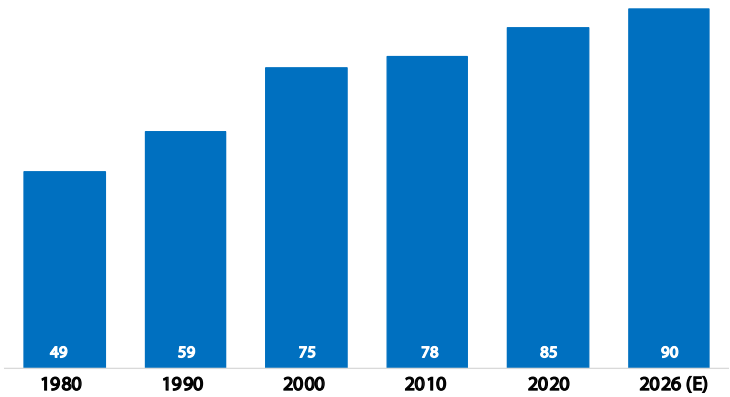
Como podemos observar, os dados do FMI e do Banco Mundial demonstram que o PIB *per capita* brasileiro tem recuado no *ranking* global, que pesquisa 194 países. Os números demonstram que o País ocupava a 49ª posição em 1980 e, em 2020, passou para 85ª. Os órgãos preveem que, entre 2020 e 2026, o País deverá perder mais cinco posições, quando chegará à 90ª posição no *ranking*.

Outra preocupação, ainda mais em um país com extensão continental como o Brasil, é a infraestrutura logística. Dados do Banco Mundial, colocam o Brasil na 56ª posição, entre 160 países, no *ranking* global de Logistics Performance Index (LPI).

Apesar dos desafios, é inegável que o Brasil representa um mercado potencial e superar essas dificuldades colocará o País na rota do crescimento e do progresso.

PIB *PER CAPITA* DO BRASIL

POSIÇÃO GLOBAL ENTRE OS 194 PAÍSES*

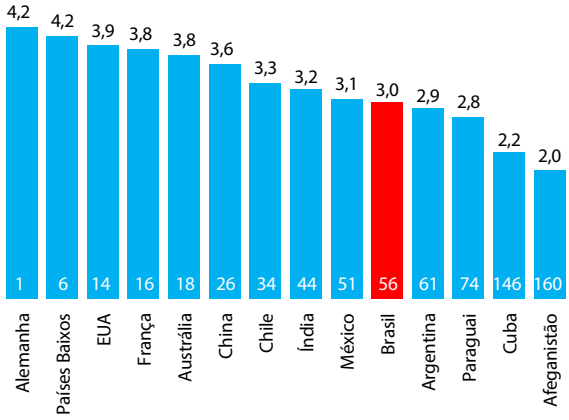


Fontes: International Monetary Fund, World Economic Outlook Database, April 2021 - * Gross domestic product per capita, constant prices (Purchasing power parity, 2017 international dollar). Elaboração: Fiesp-Deagro.

LOGÍSTICA | UM DOS PRINCIPAIS GARGALOS NO BRASIL

LPI Ranking*

**Ranking entre 160 países*



Fonte: Logistic Performance Index (LPI) Global Ranking 2018 - The World Bank. Elaboração: Fiesp-Deagro.

Av. Paulista, 1313, São Paulo/SP
CEP 01311-923
Telefone: 11-3549-4499
E-mail: relacionamento@fiesp.com